



A TENSÃO ENTRE SÓCRATES E OS SOFISTAS: UMA REFLEXÃO SOBRE O DISCURSO RETÓRICO

Regina Lúcia Praxedes de MEIRELES^P
Douglas Pereira PAUL^{PP}

RESUMO

A reflexão filosófica realizada por Sócrates e Fedro no diálogo platônico **Fedro** consiste numa importante fonte para se entender a problemática dos discursos retóricos produzidos no período clássico grego, marcado pela ascensão da democracia e queda da aristocracia. Este trabalho tem como questão de pesquisa a distinção feita por Sócrates entre discurso filosófico e discurso sofista. Para responder a tal pergunta, o filósofo toma a análise de elementos que constituem a retórica, realizando um estudo sobre sua natureza e conceituando seus elementos. A hipótese é a de que um discurso retórico que toma por base apenas a técnica de convencimento, sem o respaldo de um conhecimento verdadeiro, não deve ser considerada como arte retórica. Portanto, o que marca o discurso filosófico é a sua profundidade no trato com o conhecimento. Como obras principais foram tomadas **Fedro** e **O Banquete** (1954), ambas do filósofo grego Platão. Enriquecem a temática as obras de Jaeger (2013), Schafer (2012), e Trabattoni (2003). Além destas, compõem o corpus teórico obras de historiadores da filosofia como Fraile (1971), Marcondes (2004), Reale e Antiseri (1990). Para tratar das estruturas do discurso e da teoria retórica, foram utilizados Jeannièrre (1995) e McCoy (2010). A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que deu origem a um texto etnográfico sobre a temática selecionada.

Palavras-chave: Retórica. Filosofia. Sofistas. Persuasão. *Eros*.

^P Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora no curso de Graduação em Filosofia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

^{PP} Bacharel em Filosofia e Graduando em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

1 INTRODUÇÃO

O período da filosofia clássica na Grécia fora certamente marcado por elementos histórico-sociais tais como o desenvolvimento do comércio, a estabilização das cidades-estados e a criação do que se poderia chamar de um modelo político democrático. O surgimento de tal modelo possibilitou o aprimoramento da linguagem enquanto discurso persuasivo, uma vez que as decisões eram tomadas a partir do convencimento da maioria. O grande instrumento de poder passa a ser, dessa forma, os discursos (MARCONDES, 2004).

É nesse contexto que se dá o aparecimento dos sofistas, que utilizavam os discursos com objetivos instrumentais, exerciam a função de professores remunerados que se especializavam em compor discursos persuasivos e ensiná-los a outros. A esta técnica persuasiva foi dado o nome de retórica: ciência do bem falar. A retórica passa a ser, nesse sentido, instrumento de poder e não de conhecimento; o que se coloca em primeiro lugar é o objetivo que se quer alcançar por meio do discurso proferido, não o conhecimento por ele mesmo.

Em oposição aos sofistas apresenta-se a figura de Sócrates (470-399 a.C.), natural de Atenas. Comprometido com o conhecimento verdadeiro, ele procura demonstrar por meio da razão que o discurso sofista é ilusório e só a princípio se mostra coerente, mas após uma análise aprofundada de seus elementos, manifesta-se repleto de falhas e contradições.

Este trabalho tem por objetivo abordar a distinção estabelecida por Sócrates, no diálogo *Fedro*, entre discurso sofista e discurso filosófico e, passando por alguns elementos constitutivos desses discursos chegar às noções fundamentais do pensamento socrático sobre a retórica clássica.

O diálogo platônico *Fedro* oferece importante contribuição para se compreender a crítica de Sócrates aos sofistas. Ao trabalhar o tema do *Eros*, no início do diálogo, disponibiliza elementos que possibilitam estabelecer uma relação deste com a construção dos discursos; no segundo momento, discorre de forma aprofundada sobre as características de todo discurso retórico e aponta nele suas falhas. Sócrates indica ainda, no mesmo diálogo, qual caminho deve ser percorrido pelo homem que deseja tornar-se filósofo comprometido com o saber.

A simples consideração da importância do discurso persuasivo como meio de comunicação é já uma justificativa que aponta para a pertinência de uma proposta de pesquisa a se debruçar sobre tal temática. Assim, o trabalho aqui proposto é pertinente na medida em que procura apresentar uma reflexão sobre a metodologia utilizada para construir um discurso persuasivo e a relação de tal metodologia com o conteúdo a ser transmitido, tendo como pressuposto a busca pela verdade, característica essencial da filosofia socrática.

O pensamento socrático, transcrito nos diálogos de Platão, é, sem dúvida, uma fonte preciosa para se compreender a problemática da busca pela verdade, inerente ao espírito humano. A análise do diálogo *Fedro*, longe de ter sido esgotada, oferece significativas contribuições para o estudo das diversas formas de discursos persuasivos atuantes na contemporaneidade.

O problema fundante desta pesquisa parte do pressuposto de que tanto o sofista quanto o filósofo, representado por Sócrates, possuem em comum a prática do discurso persuasivo, no entanto, existe algo que os torna distintos. A hipótese inicialmente postulada não se encontra, como comumente apresentado, no fato de o filósofo ser o possuidor da verdade e o sofista um mero ilusionista, mas sim na profundidade com que ambos desempenham essa atividade, sendo o filósofo aquele que aproxima o homem do saber e não busca apenas transmitir um conhecimento provisório.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram utilizadas a leitura e o fichamento de textos diversos. A obra de Franco Trabattoni, **Oralidade e escrita em Platão** (2003), ocupará um lugar de destaque na investigação do tema, uma vez que a leitura feita por ele do diálogo *Fedro* será o viés pelo qual se abordará a temática. Outros comentadores como Werner Jaeger (2001) e Marina McCoy (2010) também foram utilizados.

Auxiliarão na compreensão do contexto histórico-cultural as obras: **Iniciação à história da filosofia** (MARCONDES, 2004), **Historia de la filosofia** (FRAILE, 1971), **Platão** (JEANNIÈRE, 1975) e **História da filosofia** (REALE, ANTISERI, 2007).

2 O ENCONTRO ENTRE SÓCRATES E OS SOFISTAS: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E LITERÁRIA

Esta seção tem como objetivo situar o pensamento de Sócrates e dos sofistas em seu contexto histórico a partir de elementos sócio-políticos ocorridos no período clássico grego, procurando estabelecer uma relação entre a situação política vigente e a reflexão sobre a temática dos discursos persuasivos presente neste mesmo período. Em um segundo momento, far-se-á uma apresentação do contexto literário da obra platônica *Fedro*, uma vez que tal obra constitui o viés escolhido para se abordar a problemática dos discursos persuasivos.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O pensamento socrático situa-se no complexo período do século V a.C. na Grécia, especificamente em Atenas, e é marcado pela oposição ao pensamento sofista e pela crítica ao modelo político vigente.

Tendo acontecido a consolidação das muitas cidades-estados e a estruturação da sociedade ateniense pelo governo da liga de Delos (477 a.C), fez-se indispensável a elaboração de uma base institucional para alicerçar a nova sociedade grega. Sendo assim, tiveram início inúmeras reformas políticas no governo de Sólon (594 a.C), continuadas por Clístenes (507 a.C) e culminadas no governo de Péricles (462 a. C), todas com o objetivo de fixar as bases de um modelo democrático e dissolver os privilégios da aristocracia (MARCONDES, 2004).

Nesse sentido, a sociedade ateniense vive um momento de estabilização .A aristocracia foi sendo aos poucos substituída por um regime democrático e o comércio enfrenta um momento de crescimento intenso devido especialmente à expansão marítima.Como afirma Fraile,“Atenas se converte na cabeça de uma poderosa liga política e no centro da vida comercial e cultural da Grécia” (FRAILE, 1971, p. 224, tradução nossa)¹.

¹ Atenas se convierte em cabeza de una poderosa liga política y en centro de la vida comercial y cultural de Grecia.

A expansão do comércio marítimo possibilitou que transitassem pela cidade grega inúmeros viajantes, em sua maioria comerciantes, que por sua vez relacionavam os costumes e as leis gregas com os de suas cidades, proporcionando uma ampliação e um questionamento no modo de se pensar a organização da *polis* dos atenienses e os auxiliando no processo de relativização do conhecimento (REALE; ANTISERI, 1990).

O rápido enfraquecimento dos aristocratas, em comunhão com a ascensão do povo ao poder, levou a sociedade grega a repensar suas concepções acerca da verdade e dos valores praticados até então. A virtude não podia mais ser entendida como posse da aristocracia. Dessa forma, todos os homens livres passaram a ser considerados aptos a alcançá-la, e deviam, por sua vez, aspirar à sua expressão política. O regime democrático oferece a oportunidade de se buscar o bem comum através do entendimento mútuo e da criação de leis que assegurem a igualdade dos direitos e deveres dos indivíduos (MARCONDES, 2004, p. 41).

A ideia de um governo do povo foi encarada com euforia por grande parte dos atenienses e tornou-se motivo de orgulho para a cidade grega; todos os cidadãos eram responsáveis por cuidar dos negócios públicos. No entanto, só eram considerados cidadãos os homens livres e estavam excluídos dessa função os escravos, os estrangeiros, as mulheres e as crianças (JEANNIÈRE, 1995, p. 39). As decisões eram tomadas pelo povo reunido em assembleia com participação direta de qualquer cidadão.

O surgimento de um novo modelo político exige também uma mudança na forma de organização de vários âmbitos da sociedade. Dessa forma, a educação não pode mais seguir os padrões tradicionais, tendo como base o ensino da música e da ginástica. Tais práticas tornam-se insuficientes para a inserção do novo cidadão ateniense no mundo político. Uma vez que as decisões passam a ser tomadas de forma consensual, é necessário o aprimoramento das faculdades discursivas. Conforme Fraile diz:

Com isto a arte da palavra, o brilho da oratória e o manejo da dialética para a discussão, adquirem grande importância em um público artista, amante do bem dizer. A retórica se converte em uma formidável arma política, que assegurava os êxitos mais brilhantes àqueles que sabiam dela se servir nas

praças públicas e diante dos jurados (FRAILE, 1971, p. 224, tradução nossa)².

Situado nesse contexto, encontra-se o pensamento dos sofistas. Estes exerciam a função de professores remunerados, naturais de diversas cidades, que ofereciam respostas para as necessidades do novo período ateniense. Não se preocupavam com o questionamento filosófico acerca do cosmos, mas em ensinar, especialmente aos jovens, a forma de persuadir a outros sobre suas ideias e convicções; ensinavam ainda que [...] “a virtude não depende da nobreza do sangue e da nascença, mas se funda no saber” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 75).

A emergente classe ateniense, formada principalmente pelos comerciantes, era possuidora de capital, mas carecia da sofisticada educação aristocrata, de tal modo que mesmo tendo acesso por direito à participação direta nas assembleias públicas, não possuía o acultramento necessário para a persuasão dos demais membros da assembleia. Atentos a essa carência, os sofistas ofereciam, a troco de compensações pecuniárias, aos membros dessa nova classe, a erudição e os conteúdos que possibilitavam a participação na vida política.

Como apresenta Jeanniere:

Na nova democracia, para tornar-se arconte ou estratega, era preciso saber ganhar as boas graças do povo soberano, e, para isso, seduzir as massas. O brilho da palavra seria o objetivo da nova educação. Era preciso saber falar a qualquer momento, sobre qualquer coisa, diante de um grupo que poderia já ter sido conquistado por um adversário, e que se deveria reconquistar. Assim, era necessário ter conhecimentos variados, um arsenal de argumentos prontos para usar, e habilidades para adaptá-los ao público (JEANNIÈRE, 1995, p.18).

Os sofistas não defendiam ou promulgavam uma única linha de pensamento, nem faziam parte de um grupo organizado com convicções ideológicas com o intuito de convencer a outros sobre sua veracidade, mas antes, caracterizavam-se por ensinar uma técnica argumentativa: a retórica. Tal técnica não se limitava a uma forma lógica de elaborar discursos, mas implicava também na necessidade de [...]

² Conestoel arte de la palabra, el brillo de la oratoria y el manejo de la dialéctica para la discusión adquieren gran importancia em um pueblo artista, amante del biendecir. La Retórica se convetía en una formidable arma política, que aseguraba más brillantes a quien es sabían servirse de ella en la plaza pública y ante los jurados.

“uma formação cultural enciclopédica, suficiente para preparar os jovens para intervir com êxito nos debates públicos” (FRAILE, 1971, p. 228)³.

Em suas viagens pelas várias cidades-estados, os sofistas adquiriam uma bagagem cultural que lhes permitia transitar por assuntos diversos. Por esse motivo, foram chamados de “mestres ambulantes de retórica” (FRAILE, 1971, p. 224), sua sabedoria admirada pelos jovens atenienses que os procuravam encantados pelo brilho de seus discursos.

Inserido nesse contexto e preocupado em responder à mesma problemática, das consequências de um novo modelo político na vida do homem grego, apresenta-se o pensamento de Sócrates. No entanto, apesar de compartilhar do questionamento que os sofistas, este filósofo opõe-se radicalmente à solução encontrada por eles.

Segundo este pensador, o homem virtuoso é aquele que busca o conhecimento da verdade, afastando-se da mera opinião. Tal verdade encontra-se em todas as almas de forma latente e é necessário um exercício de autoconhecimento para se chegar a ela, que, portanto, possui caráter universal. Sendo assim, o filósofo seria aquele que [...] “orienta sua atividade e trata de orientar a de seus amigos para a melhora individual por meio de uma vida virtuosa” (FRAILE, 1971, p. 250, tradução nossa)⁴.

Nesse sentido, a linguagem, segundo o pensamento socrático, deve orientar o homem para o conhecimento, ela “não é somente um instrumento “retórico” cujo manejo técnico, nos discursos públicos, garante a vantagem para um orador hábil” (JENNIÈRE, 1995, p. 49), e da mesma forma não deve ser utilizada como um meio para se alcançar o poder sem levar em consideração a busca pela verdade.

Fortemente influenciados por todos esses elementos sócio-políticos de seu período, Sócrates e os sofistas desenvolveram uma enriquecedora reflexão a respeito dos discursos persuasivos retóricos, e de modo ainda mais amplo converteram o interesse do pensamento filosófico da *physis* para a problemática ético-política. O homem enquanto cidadão da *polis* democrática passa a ser, desse

³ una formación cultural enciclopédica, suficiente para preparar a los jóvenes a intervenir con éxito em los debates públicos.

⁴ Orienta su actividad y trata de orientar la de sus amigos hacia la mejora individual por medio de la vida virtuosa.

modo, o objeto do pensamento filosófico no período clássico grego (MARCONDES, 2004).

Para uma melhor compreensão da reflexão filosófica a respeito do discurso retórico, far-se-á adiante uma breve contextualização literária do diálogo platônico *Fedro*, que oferece uma contribuição de cunho qualitativo para o desenvolvimento deste trabalho.

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO LITERÁRIA

O diálogo platônico *Fedro*, redigido por volta do ano 366 a.C., apresenta uma reflexão filosófica articulada sobre a temática dos discursos retóricos e, na mesma obra, são desenvolvidos importantes elementos do pensamento socrático, como a questão dos discursos escritos, a teoria das formas e o tema do Eros. A obra é composta pelo diálogo entre Sócrates e *Fedro* (PLATÃO, 1954, p. 187).

Não sem oposições, o *Fedro* é considerado um diálogo da maturidade de Platão e pode ser contextualizado em uma nova fase de sua compreensão sobre a retórica (JAEGER, 2001). Dessa vez, Platão procura não apenas opor filósofos a retóricos, mas antes, se empenha em demonstrar quais as características que os aproximam e quais demarcam suas diferenças (TRABATTONI, 2003).

Devido à riqueza do vocabulário e a complexidade com que os temas são abordados, os intérpretes das obras platônicas o contextualizam na última fase de seus escritos, junto com aqueles diálogos denominados dialéticos (JAEGER, 2001). O estudo desta obra, longe de ter sido exaurido, representa uma indispensável referência para a pesquisa dos discursos persuasivos dos dias de hoje.

No início do diálogo, *Fedro* encontra-se com Sócrates em uma das ruas de Atenas e iniciam uma reflexão sobre um discurso que trata da temática do amor, escrito por *Lísias*, um famoso orador e mestre em retórica. Juntos se propõem a caminhar rumo aos muros da cidade enquanto *Fedro*, com entusiasmo, narra o então discurso, no qual o autor, supondo falar em nome de um homem maduro que se dirige a um jovem na tentativa de conseguir uma relação sexual, tenta convencê-lo de que lhe convém ceder a ele, que não está apaixonado, mais do que alguém que o ame (TRABATTONI, 2003, p. 105).

No referido pode-se atestar a presença da ideia de que aquele que ama deixa-se dominar pelos sentidos e os coloca acima do bem. Sendo assim, não pode proporcionar coisas boas ao seu amado; antes, é possessivo, ciumento, invejoso. Por esse motivo, é preferível ao amado se relacionar com alguém que não esteja dominado pelo *Eros* mais do que a um apaixonado (JAEGER, 2001). Como afirma o próprio *Lísias*:

Queres te tornar cada vez mais virtuoso? Confia em ti e não na pessoa que te ama, pois o que ama louvará sempre as tuas palavras e as tuas ações sem se preocupar com a verdade e com o bem, de medo de te perder ou pela simples cegueira que é própria da paixão. São estas as ilusões do amor (PLATÃO, 1954, p.199).

Após ouvir esse primeiro discurso, Sócrates mostra-se insatisfeito e se propõe a escrever o seu próprio a respeito da mesma temática. No entanto, tal discurso, assim como o de *Lísias*, refere-se a *Eros* como uma divindade dotada de má índole. Entretanto, o filósofo argumenta que enquanto um ser divino, *Eros* não poderia ter essa característica. É então que Sócrates diz: “Antes que venha a sofrer pela ofensa feita a *Eros*, tentarei fazer a minha palinódia” (PLATÃO, 1954, p. 214), elaborando, assim, seu terceiro discurso, desta vez elogiando o Amor.

Esse último discurso é também o mais longo, e é nele que se encontra o mito da alma, em que são desenvolvidas teorias fundamentais do pensamento socrático, tais como a doutrina da reminiscência, a transmigração e a imortalidade da alma. Conforme afirma Werner Jaeger (2001, p. 1262) “o discurso vai subindo aquela região supraceleste em que a alma, impelida pelo *Eros* e seguindo o deus que lhe é afim por essência, já é digna de contemplar o Ser puro”.

Ao término da palinódia, após ter dedicado a *Eros* os louvores devidos a um deus que proporciona aos seus amantes o impulso de buscarem o sumo bem, Sócrates pede perdão à divindade por tê-la ofendido e roga a ela para que não permita que se enfraqueça nele a arte de amar, ao contrário, a fortaleça para que sempre possa elevar a beleza. (PLATÃO, 1954).

Terminada essa sucessão de discursos, inicia-se uma reflexão com o objetivo de analisar quais estão bem elaborados e quais não estão, o que é necessário conhecer para compô-los e qual a estrutura que devem possuir (TRABATTONI,

2003). Sócrates refere-se ao discurso de *Lísias* da seguinte forma: “Este homem, ao que parece, está muito longe de oferecer-nos o que procuramos. Não começa pelo princípio do discurso, mas pelo fim, como alguns que tentam nadar de costas” (PLATÃO, 1954, p. 241).

Essa parte da obra é dedicada ao exame da retórica, atividade praticada por *Lísias* e por tantos outros em sua época. Nela são mencionados nomes como *Górgias*, *Trasímaco* e *Teodoro*, representantes clássicos da oratória grega. São apresentados, ainda, seus diversos elementos constitutivos, assim como aquilo que distingue a arte retórica daquela atividade que não deve ser conceituada como arte (PLATÃO, 1954).

Em seguida, Sócrates apresenta a *Fedro* uma nova forma de compor e decompor ideias, intitulando-a de dialética que, segundo ele, é a mais sublime maneira de aprender a pensar e falar. Aqueles que a praticam, ou seja, aqueles que se empenham em aprender o conjunto e as especificidades de um objeto devem ser seguidos como a uma divindade (PLATÃO, 1954).

O terceiro e último tema a ser desenvolvido na obra platônica trata da problemática da escrita dos discursos, sobre o que convém e o que não convém ser escrito. Nesse ponto, Sócrates narra o mito de *Thoth* e *Tamuz*, que trata da invenção da escrita, sendo ela criada para auxiliar a memória dos homens. Concluindo sua exposição, Sócrates esclarece:

Os melhores discursos escritos são os que servem para acordar as lembranças dos conhecedores; só as palavras pronunciadas com o fim de instruir, e que de fato se gravam na alma sôbre o que é justo, bem e bom, sômente nela se encontra uma força eficaz, perfeita e justa de empregarmos nela os nossos esforços; sômente tais discursos merecem ser chamados filhos legítimos do orador, gerados por ele próprio, quando êsse orador possui um gênio inventivo, e quando nas almas de outras pessoas êles engendram descendentes e irmãos que sejam dignos da família. Quanto aos outros discursos, podemos desprezá-los (PLATÃO, 1954, p. 261).

No entanto, o perigo apresentado pelos discursos escritos consiste no fato de que estes, quando lidos por aqueles que não o escreveram, fornecerem apenas um conhecimento superficial passando a ilusão de ser o verdadeiro, acreditando-se ser sábios quando, ao contrário, são ignorantes. Uma segunda característica da escrita se encontra no fato de não ser possível a ela responder diretamente aos

questionamentos do leitor e, por isso mesmo, proporcionar inúmeras formas de incompreensões (TRABATTONI, 2003, p. 139).

Desse modo, pode-se observar a presença de três grandes temas na obra platônica. Em primeiro lugar o tema do Eros; em seguida, a problemática da retórica e, por fim, a questão da escrita. No entanto, como compreende Jaeger: “Esta surpreendente ficção só tem um sentido, se se vir conhecer a finalidade essencial visada por Platão na crítica do modo retórico de tratar o tema” (JAEGER, 2001, p.1259). Em sua unidade, o diálogo constitui uma reflexão filosófica de alto nível sobre a melhor maneira de se comunicar através das palavras.

Portanto, como se pôde notar, o diálogo *Fedro* representa um importante instrumento de pesquisa para a análise dos diversos elementos constitutivos da retórica clássica. A reflexão realizada por Sócrates e por Fedro, além de envolver o leitor na riqueza da cultura grega e do pensamento platônico, oferece ainda um questionamento indispensável para o desenvolvimento da filosofia na contemporaneidade, a saber: a reflexão sobre a forma e compromisso de se buscar e comunicar o conhecimento verdadeiro.

3 OS DIVERSOS ELEMENTOS DA ARTE RETÓRICA

Esta seção tem por objetivo apresentar os elementos necessários para a composição de um discurso persuasivo, baseado no diálogo reflexivo entre Sócrates e Fedro na segunda parte do diálogo. Para isso, buscou-se esclarecer a necessidade de um conhecimento sobre o que se fala ou se escreve, assim como a importância de conhecer a alma para quem se dirige o discurso. Por fim, insere-se a pertinência do *Eros* no desenvolvimento do discurso.

3.1 CONHECER O OBJETO A SER COMUNICADO

Ao término dos discursos sobre o *Eros*, Fedro e Sócrates propõem-se a refletir sobre o que seja escrever ou recitar bem. Na concepção do primeiro, o bom retor não precisa conhecer a verdade do assunto tratado, mas sim o que parece verdadeiro para maioria dos ouvintes. Sendo assim, o melhor instrumento para a

persuasão seria o que a coisa aparenta ser, e não o que ela é verdadeiramente (PLATÃO, 1954).

A reflexão de Sócrates, por sua vez, conduz Fedro a outro nível de compreensão da elaboração de um discurso persuasivo. Partindo do discurso de Lísias, elenca as falhas de uma persuasão que não passa de um amontoado de palavras que, no todo, nada significam. Esse mesmo discurso carece de um corpo orgânico e de clareza do assunto a ser tratado. Ao referir a *Eros*, o pseudo-orador não se preocupa em fornecer dele nenhuma definição, deixando, assim, o ouvinte sem saber do que se está falando (TRABATTONI, 2003).

Para evitar tal equívoco, é indispensável que aquele que fala sobre determinado assunto conheça sobre o que se fala, tenha em si uma clareza do que a coisa é e do que ela não é, como afirma McCoy: “ de algum modo, o falante deve entender a natureza da coisa como um todo, de forma a incluir o que realmente pertence a ela e excluir o que não pertence”(MCCOY, 2010, p. 185).

A discussão socrática ainda aponta para a existência de dois tipos de assunto: os que quando proferidos não causam dualidade de sentido ao ouvinte e aqueles que causam tal dualidade por serem incertos e pouco precisos. O tema do *Eros*, por sua vez, enquadra-se nos assuntos pouco precisos pelo simples fato de provocar no ouvinte, ao ser proferido, um horizonte de interpretações. Diante dessa variedade de sentidos, cabe ao bom retor esclarecer, a princípio, os limites do objeto comunicado, conceituando-o de forma clara (PLATÃO, 1954).

Em seguida, após ter definido os limites do objeto a ser comunicado, o orador deve dividi-lo em quantas partes for possível, sem mutilá-lo, e dedicar-se ao conhecimento de cada uma das partes que compõem o todo. Ao falar sobre esse método de compor e decompor ideias, Sócrates conclui que esta é a melhor maneira de aprender a pensar e a falar, intitulado os que assim procedem de dialéticos (PLATÃO, 1954).

Na concepção de Christian Schänfer, a dialética platônica é uma forma de obter definição de algo. Eis como ele descreve o processo:

A definição se origina como reunião (*synagôgê*) de todos os traços distintivos produzidos na diérese; a reunião já é aplicada em cada fase da divisão, quando o gênero é unido com as diferenças anteriores em uma espécie especial e nomeado (*Sof. 267 a s.*). Portanto é a *synagôgê* que

“reúne numa única ideia o multiplamente disseminado” (*Fedro 265d s.*) e possibilita a definição; é o complemento necessário da diérese, formando com esta o método da dialética (*Fedro 265d-266b*, SCHÄFER, 2012, p. 91).

O discurso que não se preocupa com o conhecimento verdadeiro, mas apenas com o que é aparente, proferido por aquele que desconhece o assunto apresentado por ele próprio, só pode persuadir de modo transitório e superficial (TRABATTONI, 126). Quando encontra em seu caminho homens que não se deixam levar pelas aparências efêmeras, é facilmente considerado sem nenhuma importância e desprovido de fundamento. Segundo Franco Trabattoni:

Para caracterizar o defeito do retor, não é necessário mostrar que não possui o método correto; basta dizer que não sabe persuadir de modo estável e duradouro, porque, se soubesse fazê-lo, isso demonstraria que não é retor, mas filósofo. (TRABATTONI, 2003, p. 134).

Sendo assim, o uso da arte retórica está intimamente ligado à filosofia, uma vez que não é possível persuadir alguém de forma duradoura sem o conhecimento verdadeiro sobre este algo e a filosofia é a própria busca pelo conhecimento. Por outro lado, o homem que procura convencer outros sem o conhecimento do que fala não deve receber as honras de um retórico.

3.2 CONHECER A NATUREZA DA ALMA HUMANA

Uma vez estabelecidos os critérios necessários para a composição e delimitação do conteúdo de um discurso, faz-se pertinente a preocupação com a forma em que este será comunicado, considerando-se a finalidade de possibilitar uma maior clareza ao ouvinte sobre o que se está comunicando. Nesse ponto, Sócrates introduz a reflexão sobre a natureza da alma:

Visto que a força da eloquência consiste na capacidade de guiar as almas, aquele que deseja tornar-se orador deve necessariamente saber quantas formas existem na alma. Elas são em certo número e têm as suas respectivas qualidades. É por isso que os homens têm caracteres diferentes. Depois de classificar as almas dêsse modo, deverá distinguir, também, cada espécie de discurso em suas diferentes qualidades (PLATÃO, 1954, p. 251).

Aquele que deseja persuadir, espera convencer alguém sobre algo. Assim, depois de haver conhecido o objeto que deseja comunicar, precisa preocupar-se com o estudo da alma humana. Do mesmo modo como procedeu na investigação da natureza do objeto, deve proceder em relação à alma, buscando compreender como é dividida, quantas formas existem, que influências sofrem e quais as causas de tais influências (PLATÃO, 1954).

Após a realização desse minucioso trabalho, o retor estará apto para alinhar o discurso que exercerá maior influência sobre determinada alma, tendo, assim, a possibilidade de alcançar melhor resultado. Como existem diferentes tipos de almas, diferentes devem ser as formas de discursos. Assim como o médico deve conhecer os diferentes campos do corpo humano, o orador precisa conhecer o mundo da alma humana, pois quanto maior for este conhecimento, mais êxito obterá (MCCOY, 2010, p.188).

A arte retórica, dessa forma, tem por função conduzir o homem por um caminho virtuoso, como elenca Trabattoni: “De fato, a potência, ou seja, a realidade efetiva dos discursos, outra coisa não é senão psicagogia, isto é, condução da alma” (TRABATTONI, 2003, p. 129). É através dessa arte, inseparável do saber filosófico, que as almas são elevadas a contemplar as mais belas verdades.

Aquele que compreende a diversidade dos discursos e dedica sua vida na busca do conhecimento verdadeiro, observando os diferentes tipos de pessoas e adaptando a cada uma delas o discurso apropriado no momento propício, levando em consideração o tempo de falar e calar, pode ser contado entre aqueles que praticam a arte retórica (PLATÃO, 1954, p. 252).

No entanto, tal atividade não deve ser considerada isoladamente, como uma arte independente, utilizada apenas para cumprir a finalidade do convencimento. O objetivo dessa arte não se reduz ao convencimento das massas, mas, antes, encontra-se em seu manejo diário, nas situações mais corriqueiras do dia. Não pode ser considerada isoladamente porque, como afirma Trabattoni: “a essência da retórica pode ser encontrada somente junto à da filosofia, sem dela prescindir ou contrariá-la” (TRABATTONI, 2003, p. 128).

Em consequência, pode-se compreender a arte retórica como aquela que caminha junto à filosofia, auxiliando os homens a pensar e elaborar seus discursos

de forma coerente e concisa, procurando, com grande esforço, não apenas agradar os homens, mas os deuses, tendo o conhecimento como meta (PLATÃO, 1954).

3.3 O CONCEITO DE EROS

Até aqui foram elencados os principais elementos necessários para a prática da arte retórica, a saber: a compreensão da verdade do assunto a que se quer tratar, tanto no seu todo quanto nas partes que o constituem; o conhecimento da natureza da alma a quem se dirige o discurso e a melhor forma de transmitir o assunto determinado para aquela alma específica, de modo forma clara.

No entanto, pode-se observar outro elemento ainda não destacado que exerce um papel fundamental na arte retórica, qual seja, a própria capacidade persuasiva. Tal capacidade não está fundada simplesmente em conteúdos racionais e sistematizados, mas assemelha-se ao próprio Eros referido no *Fedro*. Sendo assim, faz-se importante a compreensão desse conceito socrático.

Sócrates apresenta Eros como uma divindade responsável pela essência do amor humano, e o amor é a própria busca desejosa do homem pela beleza (SCHÄFER, 2012). Segundo ele, no passeio celeste as almas contemplam a beleza, umas com maior nitidez do que as outras e durante as suas vidas terrenas anseiam por encontrá-la novamente. Algumas dessas almas se perdem no contato com a aparente beleza das coisas; outras, porém, gastam suas vidas em busca da beleza em si. O responsável por tal busca é o próprio deus alado, conhecido como Eros (PLATÃO, 1954).

O *Eros* é, portanto, semelhante às asas da alma que conduz o amante na busca pelo amado. Eis como Reale o define:

O Eros é uma força que eleva ao Bem e a erótica se revela um caminho alógico que conduz ao absoluto. A análise do Amor situa-se entre as mais esplêndidas análises que Platão nos deixou. O amor não é nem belo nem bom, mas é sede de beleza e bondade. O Amor, portanto, não é Deus (somente Deus é sempre belo e bom) nem homem. Não é mortal nem imortal. É um daqueles seres demoníacos “intermediários” entre o homem e Deus. Assim, o Amor é “filó-sofo” no sentido mais denso do termo. (REALE; ANTISERI, 1990, p. 152).

Tal temática encontra-se presente também em outros diálogos platônicos, mas é especialmente no **Banquete** e no **Fedro** que se observa um maior destaque na sua figura. Em ambos os diálogos o mesmo assunto foi desenvolvido de diferentes maneiras. Apesar disso, nota-se a preocupação de Platão em apresentá-lo enquanto processo de busca desejosa, sendo, assim, o próprio desejo do Belo e do Bem (SCHÄFER, 2012).

3.4 UMA RETÓRICA ERÓTICA

Encontra-se, pois, presente na arte retórica uma força persuasiva que não está fundada em elementos racionais, esta força é a própria persuasão, responsável, semelhante ao *Eros*, por arrastar as almas para pensarem de determinada forma. Da mesma maneira que o *Eros* é parte essencial da filosofia, no sentido em que ele constitui a própria busca desejosa pelo saber, a persuasão está estritamente ligada ao saber filosófico, não apenas como um instrumento retórico, mas como parte necessária da filosofia (TRABATTONI, 2003).

Portanto, postula-se a concepção de que a escolha do *Eros* como tema para a elaboração dos três discursos presentes no início do diálogo, não foi mero acaso, mas, antes, compõe a unidade fundamental da obra platônica, adicionando, assim, aos elementos que constituem o discurso aquele outro elemento que não pode ser descrito de forma sistematizada. Como observa Franco Trabattoni:

De fato, Platão rapidamente se deu conta de que o homem não é conduzido a certos pensamentos e comportamentos somente pela ciência, pela vontade e pelo raciocínio, mas também pela força ilógica e irracional. (TRABATTONI, 2003, p. 113).

No entanto, esta força irracional, presente na arte retórica, não pode ser compreendida isoladamente, e nisso consiste uma das fundamentais diferenças entre a arte retórica e aquela outra atividade persuasiva criticada por Sócrates. O orador que se utiliza de sua persuasão apenas para convencer as pessoas a seguirem as mais ilusórias ideias em busca de algum proveito próprio não é digno de receber o nome de filósofo.

O filósofo, por outro lado, é aquele que não só se utiliza da retórica, como instrumento, mas tem em si esta arte, reconhece o erotismo persuasivo que existe dentro de si próprio e o direciona em busca do conhecimento. Esta forma de orientação das almas por meio da beleza dos discursos, característica da retórica, é semelhante a asas das almas, presente do Eros, que conduz as almas em busca da suma Beleza (TRABATTONI, 2003).

É pertinente, pois, a hipótese de que o objetivo de Sócrates nesta obra não estaria em realizar uma oposição entre filosofia e retórica, um não estaria em um plano superior à outra, ao contrário caminham juntas. Não obstante fez-se necessário um empenho de Sócrates em esclarecer a natureza da arte retórica, uma vez que essa se encontrava banalizada pela prática de alguns retores, logógrafos e sofistas de seu tempo (TRABATTONI, 2003).

3.5 FILOSOFIA: AMOR À SABEDORIA

Em um segundo momento, observa-se a relação do próprio Eros com a sabedoria no diálogo platônico *O Banquete*. Sócrates, através de Diotima, uma misteriosa sacerdotisa de Mantinéia, apresenta o amor como busca daquilo que não se têm, desta forma, o Eros é o próprio desejo pela belo e o bom, uma vez que carece de sua posse (PLATÃO, 1954). Da mesma forma, o filósofo anseia pela sabedoria porque não a possui.

Sendo assim, o que torna o filósofo distinto dos outros homens não seria sua posse plena do verdadeiro conhecimento, já que este conhecimento absoluto não é possível aos homens nesta condição mortal. O que marcaria esta diferença, seria a busca constante do filósofo pelo conhecimento verdadeiro, a esse respeito escreve Trabattoni:

[...] o saber filosófico, mesmo tão enfraquecido e misturado com o irracional, permanece, contudo, muito distante da ignorância e do irracional em sentido comum. Assim como o amor filosófico é diverso do vulga, a persuasão desenvolvida pelo filósofo é diversa daquela promovida por sofistas [...] (TRABATTONI, 2003, p. 116).

A alma do filósofo, portanto, não se encontra em ignorância absoluta, mas sim em um constante movimento erótico rumo ao conhecimento. Tal movimento passa também pelos discursos, não permanecendo nas palavras, como os oradores que desejam apenas agradar os homens, mas transcendendo-as em direção à região onde reside o ser puro (JAERGER, 2013).

Tal movimento de transcendência é a difícil tarefa do filósofo, que mesmo atraído pela beleza das coisas que passam dedica-se a tarefa de progredir dia-a-dia no caminho das virtudes, sem desanimar diante da extensão do caminho. Referindo-se a este homem, diz Sócrates: “Mas para o homem que pretende possuir o que é belo, belo também será enfrentar os trabalhos que a beleza lhe impõe.” (PLATÃO, 1954, p. 254).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na elaboração deste artigo, foi proposta, a partir do diálogo socrático Fedro, uma análise dos elementos constitutivos que possibilitaram ao filósofo estabelecer a distinção entre discurso sofista e filosófico. Para tal, as contextualizações sócio-política e literária ofereceram elementos que permitiram compreender a relevância da retórica vista enquanto instrumento de efetivação e validação de um modo outro de constituição da polis grega nesse período.

Assim, o estudo sobre a dimensão persuasiva da retórica proporcionou um entendimento desta atividade como sendo constituída não apenas de elementos racionais, mas também de uma força irracional, aqui denominada de Eros, responsável por conduzir as almas para determinada ideia.

A análise socrática dos elementos constituintes da retórica confirmou a hipótese de que o uso da persuasão marca a proximidade entre filósofo e sofista, uma vez que ambos se utilizavam deste instrumento.

Ao apresentar o argumento de que o sofista nega a existência de uma verdade absoluta e confere a todas as opiniões o mesmo peso e valor, Sócrates propõe tal distinção na profundidade reflexiva que permeia a intenção daqueles que se valem da retórica no trato com o conhecimento. É nesse sentido, portanto, que o

filósofo reveste a retórica de uma natureza filosófica, visto que somente através do conhecimento é possível convencer de modo correto e duradouro.

**THE TENSION BETWEEN SOCRATES AND SOFISTS:
A REFLECTION ON RHETORIC SPEECH**

ABSTRACT

The philosophical reflection performed by Socrates and Phaedrus in the Platonic dialogue *Phaedrus* is an important source for understanding the problematic of the rhetorical discourses produced in the classical Greek period marked by the rise of democracy and the fall of the aristocracy. This work has as a research question the distinction made by Socrates between philosophical and Sophist discourse. To answer this question, the philosopher takes the analysis of elements that constitute rhetoric, conducting a study of its nature and conceptualizing its elements. The hypothesis is that a rhetorical discourse that is based only on convincing technique, without the support of true knowledge, should not be considered as rhetorical art. Therefore, the philosophical discourse is marked by its depth in the deal with the knowledge. As main works were taken **Phaedrus and The Banquet** (1954), both of Greek philosopher Plato. The research is enriched by works of Jaeger (2013), Schafer (2012) and Trabattoni's (2003) works. Besides these, the theoretical *corpus* is also composed by works of historians of philosophy as Fraile (1971), Marcondes (2004), Reale and Antiseri (1990). To deal with the structures of discourse and rhetorical theory, Jeannièrè (1995) and Mccoy (2010) were used. The methodology used was the qualitative bibliographical research, which gave rise to an ethnographic text on the selected theme.

Keywords: Rhetoric. Philosophy. Sophists. Persuasion. *Eros*

REFERÊNCIAS

FRAILE, Guillermo. **Historia de la filosofia**: Grecia y Roma. 3. ed. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1971. 852 p.

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. Tradução Artur M. Parreira. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013. 1433 p.

JEANNIÈRE, Abel. **Platão**. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. 170 p.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação a história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 298 p.

MCCOY, Marina. **Platão**: a retórica de filósofos e sofistas. Tradução Livia Oushiro. São Paulo: Madras, 2010. 232 p.

PLATÃO. **Diálogos**: Menon, Banquete, Fedro. 3. ed. Tradução Jorge Paleikat. Porto Alegre: Globo, 1954. 263 p.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade Média. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2007. 681 p.

SCHÄFER, Christian (Org.). **Léxico de Platão**: conceitos fundamentais de Platão e da tradição platônica. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2012. 395 p.

TRABATTONI, Franco. **Oralidade e escrita em Platão**. Tradução Fernando Eduardo de Barros Rey Puente, Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial; Ilhéus: Editus, 2003. 216 p.